

Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: Identidade, memória e poder

Méri Frotscher¹

Este artigo traz o propósito de analisar o processo de recriação de identidades em Blumenau, no contexto das grandes enchentes de 1983 e 1984, momento em que imagens e representações acerca da cidade e de seus habitantes são produzidas pelo poder público no intuito de facilitar a reconstrução. Naquele momento irrompe uma forte carga discursiva visando produzir e realimentar uma imagem positiva de Blumenau, identificada como "*cidade do trabalhador, herdeiro das qualidades dos imigrantes alemães*". Buscam-se elementos do passado, como a colonização européia, para recriar uma memória romantizada acerca do passado, diluindo-se os conflitos e descontinuidades existentes, dando um caráter homogeneizante à cultura e à constituição étnica da cidade.

A ênfase na afirmação do potencial de reconstrução da cidade de Blumenau tomou uma força expressiva nos anos de 1983 e 1984, em função do momento singular em que se encontrava a economia blumenauense, em que o poder público buscava novas opções para reavivar o mercado. Este artigo quer analisar a ressignificação desta representação sobre Blumenau dentro deste contexto, em que o turismo despontava enquanto opção para o revigoramento da economia. Com este propósito, se investe na divulgação de Blumenau como uma "*cidade alemã*", uma "*cidade diferente*", e que, por isto mesmo, "*valia a pena visitar*". Esse processo desemboca realização da primeira Oktoberfest, a maior festa do Chopp do Brasil, em 1984, que faz da tradição reinventada o seu maior produto.

Parto do pressuposto de que as representações sobre as cidades e as identidades étnicas não existem *a priori*, não são algo "natural", essencial, mas são construídas e reforçadas em meio a rela-

¹ O presente artigo é baseado na dissertação de mestrado da autora (FROTSCHER, 1998).

ções e estratégias de poder, forjadas por agentes sociais, e não deixam de cumprir determinadas funções na sociedade. Neste sentido, mostrar a historicidade do discurso que dá uma identidade homogênea para Blumenau, uma identidade germânica, é um dos caminhos que seguimos para a problematização da história local.

A reconstrução e os usos do passado

As enchentes de julho de 1983 fizeram o país voltar suas atenções à cidade de Blumenau. As águas, além de lama, mortes, milhões de prejuízos, deram publicidade nacional à cidade. Máquinas paradas, lojas fechadas, ruas inundadas, escolas vazias. Pelas ruas vazaram as águas do rio, cobrindo a cidade com um mar de água barrenta. Durante quinze dias, a cidade ficou à mercê das águas do Rio Itajaí-Açu. Muito embora o nível a que chegou o rio fosse o terceiro mais alto desde a fundação da cidade, o impacto da enchente de julho de 1983 foi o maior até então observado. Com a degradação do meio ambiente e da urbanização - em 1980 a percentagem de urbanização em Blumenau era de 90% (BUTZKE, 1995) - as enchentes transformaram-se em azar ambiental de grande impacto no Vale do Itajaí. Durante as seguidas enchentes em julho de 1983, cerca de 70% do parque industrial paralisou e 90% do comércio teve seus estabelecimentos alagados. Estes últimos, muito em virtude de sua localização, em áreas facilmente inundáveis.²

Juntamente com aquele *lamaçal desesperador*, as incontáveis perdas e prejuízos. Houve um colapso das obras públicas e inviabilização do plano de governo municipal. As enchentes provocaram desemprego, diminuição do poder aquisitivo da população, bloqueio no processo de instalação e expansão de empresas. Muitas pediram falência, outras deixaram ou ameaçavam deixar a cidade (ACIB, 1989). Não só o poder público, as indústrias e o comércio sofreram, mas sobretudo a população mais humilde, moradora de áreas inundáveis e zonas de risco.

Neste contexto, irrompe um discurso de valorização do passado de colonização da cidade, de forte cunho étnico. Diante da inviabilização do plano de governo municipal, a prefeitura conclamou a população à reconstrução, através do projeto *Nova Blumenau: um compromisso de todos*, formado por 12 comissões de reconstrução. Este projeto instituiu o ano de 1983 como um *ano*

² Blumenau, unsere "Gartenstadt" unter Wasser. Testemunho da enchente de 1983. Sem autor e data. Série Enchente 1983, pasta 5.5.10.2, doc. 39. Arquivo Histórico José Ferrelira da Silva - AHJFS.

fatídico, inaugurador de uma nova era, de uma *nova Blumenau*.³ Em sua justificativa, evoca o pioneirismo e os esforços dos primeiros imigrantes para instigar a solidariedade social e a recuperação da cidade: "*nossos antepassados construíram esta terra, desbravaram matas e enfrentaram selvagens para nos legar Blumenau, que é fruto de muito suor e lágrimas, muita luta e sangue*".⁴ A reconstrução da cidade aparecia como uma necessidade, uma questão de "*honra àquele punhado de bravos imigrantes*".⁵

Os discursos de evocação do passado de Blumenau, ao serem proferidos como estratégia de reconstruir a cidade, fazem-nos lembrar de Jacques Le Goff, quando afirma que a memória é instrumento e objeto de poder (1996, p. 476). A memória acerca da colonização, produzida no momento da reconstrução de Blumenau, constrói um passado, fazendo dele uma arma para enfrentar aquele momento. O investimento sobre a memória serve também, conforme Michel Pollak, "*para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade*" (1989, p. 09). Neste sentido, entende-se que longe de ser um ato espontâneo, a memória é fruto de trabalho, é construída a partir do presente, em meio a estratégias de poder.

Com isto, não se está afirmando que esses discursos não guardem elos com as experiências do vivido. O que se quer chamar a atenção é como a memória simplifica, é seletiva, dilui heterogeneidades e é objeto de poder. Diante da inanição do poder público frente às enchentes, se reconstrói uma memória romantizada da colonização, recordando-se os momentos de solidariedade e de luta frente às adversidades dos primeiros imigrantes. Em Blumenau, esse esforço em produzir uma memória, além de instigar o enfrentamento do presente, dava suporte à produção de uma identidade positivada da cidade, baseada na afirmação de seu potencial para a reconstrução.

Esta rememoração institui o conceito "trabalho" como elemento fundante da colonização e desenvolvimento da cidade, justificando o seu desenvolvimento pelo viés étnico. Sabe-se que a construção de uma memória romantizada acerca da colonização não é uma especificidade de Blumenau. Também é existente em inúmeras

³ Edital de convocação ao projeto Nova Blumenau. Fundo da Prefeitura Municipal. Série Nova Blumenau, AHJFS.

⁴ Folheto Nova Blumenau - Um compromisso de todos. Fundo da Prefeitura Municipal de Blumenau, Série Projeto Nova Blumenau, AHJFS.

⁵ Memorial descritivo de perdas e danos da Fundação Casa Dr. Blumenau. Blumenau, 1983. Dossiê Ecociologia. Série Enchentes 1983 (5.5.10.2), AHJFS.

outras cidades colonizadas por alemães no Sul do Brasil. Essa visão mitificadora da imigração teuta acaba por ignorar diferenças sociais, econômicas, políticas no processo de colonização, para forjar uma imagem de povo homogêneo e solidário (MAUCH; VASCONCELLOS, 1994). A visão que associa ao imigrante alemão os adjetivos "trabalhador, aguerrido", entretanto parece ser reforçada em Blumenau, em virtude das sucessivas cheias que acompanham a história da cidade, cuja superação sempre foi divulgada como exemplo.

A afirmação da superação dos desafios impostos pela natureza, como forma de fazer a população retomar suas atividades e reconstruir a cidade, aparece associada a um esforço de também no espaço físico instituir uma memória. Logo após as enchentes de 1983, na comemoração do aniversário de Blumenau, em 02 de setembro, foi inaugurada uma praça com o nome do fundador, Dr. Blumenau. O local escolhido para a abertura dos festejos de aniversário da cidade foi o Mausoléu do mesmo nome, Dr. Blumenau, onde as autoridades municipais reforçaram os elos com o passado, no sentido de afirmar a superação de mais uma enchente: *"tal como o fundador da cidade, o povo blumenauense não esmoreceu frente às dificuldades que a natureza fez provar"*.

Conforme Eric Hobsbawn (1984, p. 09), práticas de natureza ritual ou simbólica cumprem a função de inculcar certos valores e normas de comportamento, buscando traçar uma continuidade com o passado. Este discurso, que sempre é repetido após cada enchente, se referia a um passado imaginário, tido como instante originário, que se mantém vivo e presente no curso do tempo, visando a algo tido como perene, quase eterno, para sustentar o presente e lhe dar sentido. Esse discurso fundador, ao ser repetido sempre, não dá historicidade aos fatos, não mostra as determinações econômicas, sociais e políticas que produzem um acontecimento histórico. Assim, se desloca para além do tempo, para fora da história, transformando-se em mito fundador que, conforme a filósofa Marilena Chauí, cria um bloqueio à percepção da realidade e impede de lidar com ela (2000, p. 09).

No caso de Blumenau, pode-se observar que, a partir da década de 1970, a cidade passou a receber um grande contingente populacional de outras localidades do Vale, em função da expansão da indústria, sobretudo a têxtil, o que intensificou ainda mais a ocupação de áreas inundáveis. Nesta época, também o desmatamento que vinha se processando desde o início da colonização, passou a dar respostas efetivas (POMPÍLIO, 1990, p. 183). A degradação do meio, com a supressão de áreas de amortecimento de

cheias e outros fatores antrópicos, como o modelo de desenvolvimento que sempre desconsiderou a questão ambiental, contribuíram para que o fenômeno das cheias, freqüente na história da cidade, tomasse a dimensão de catástrofe.

Entretanto, não era esse o discurso do poder público, ao explicar o fenômeno. A incapacidade do sistema político em lidar com as enchentes - que deu prioridade a obras estruturais de grande porte, como as barragens no Alto Vale - e a não problematização do papel humano na transformação das enchentes em azar ambiental faziam com que a dimensão catastrófica das enchentes do início dos anos 80 fosse também vista como algo natural. Por outro lado, acabou também servindo, como visto, para se realimentar um imaginário em Blumenau, que associa ao seu povo adjetivos positivos, como forte, trabalhador, persistente, conquistador do seu futuro. Isto veio acompanhado de um esforço de se recriar uma identidade germanizada da cidade, com base na rememoração do passado de colonização européia.

Para fazer este discurso circular, contudo, era necessário fazer crer que se estava falando em nome do "real" (CERTEAU, 1994, p. 240-241), lidar com representações já existentes e que faziam parte do imaginário acerca da colonização em Blumenau. Uma delas é a representação acerca do trabalho dos imigrantes que sempre serviu para se divulgar Blumenau como exemplo de colônia que "deu certo". Daí a necessidade de vermos, primeiramente, como o conceito "trabalho" foi assumindo uma positivação, em diferentes momentos da história da cidade, adquirindo contornos e funções diferenciadas, em determinadas conjunturas.

Os diferentes usos e sentidos dados ao conceito trabalho

Já se percebe aqui, que não só fatos, sujeitos e processos são objetos da História, mas também os discursos, que também constituem acontecimento histórico (FOUCAULT, 1996, p. 55-6). Durante os anos de 1983 e 1984, o discurso que assinala o "potencial de reconstrução e trabalho" dos habitantes de Blumenau foi muito afirmado pelo poder público e pela imprensa local, constituindo-se em acontecimento histórico. Entretanto, a idéia da "cultura do trabalho", subjacente a este discurso, não é um fato novo. Em diferentes momentos da história esta idéia circulou, mas assumindo contornos e funções diferenciadas. No entanto, em cada um destes momentos revela-se investimentos de práticas distintas, próprias dos interesses de cada época. Diverge-se aqui, então, do discurso oficial que vê

essa imagem de Blumenau como uma tradição natural e genuína, para mostrar como há uma fabricação desta identidade em diferentes momentos, conforme interesses em jogo.

Em outras cidades colonizadas por imigrantes alemães no Brasil, também encontramos a evocação do pioneirismo e do espírito de trabalho de seu povo. Teve papel importante, neste sentido, o projeto de incentivo à imigração do Império brasileiro e o próprio *Deutschtum*, idéia de pertencimento a uma nacionalidade alemã trazido por muitos imigrantes, que valorizava a idéia da superioridade do trabalho alemão, e que em seguida será abordado.

Antes, detenhamo-nos ao contexto brasileiro. Havia interesses do Governo Imperial, em meados do século XIX, em extinguir o modo de produção escravista, por conta do desenvolvimento do capitalismo, e estimular a vinda de imigrantes europeus, já que conforme as teorias raciais da época, se acreditava na idéia de um futuro "branqueamento" da população brasileira.

Em função da escravidão no Brasil, o trabalho era visto como aviltante e degradante. A passagem da exploração do trabalho escravo para o trabalho livre, impunha a necessidade de se investir na positividade do trabalho. Este fato fez com que os políticos republicanos redefiniram a noção de trabalho, visto agora como produtor de mais-valia, como condição fundamental para a continuidade do processo de ampliação do capital no Brasil. Sendo assim, emergia um discurso que revestia o conceito trabalho numa roupagem dignificadora e civilizadora (SALLES, 1986).

Vindos para o Brasil para incrementar o mercado de mão-de-obra livre ou para fundar colônias, baseadas não no latifúndio e na monocultura, mas na agricultura familiar em pequenas propriedades rurais, de subsistência, os imigrantes europeus eram benquistos e bem vistos aos olhos das elites capitalistas do Brasil, tendo em vista o novo modo de produção que se queria implantar.

Por outro lado, os imigrantes vindos às colônias no Brasil faziam do trabalho não só um meio para "fazer a América". A valorização do trabalho, entre os alemães, aparecia como um dos principais fundamentos da idéia de germanidade ou *Deutschtum*.⁶

Na ainda não formada Alemanha do início do século XIX - as

⁶ Entendo *Deutschtum* como tudo o que pode ser entendido como étnico por referência à idéia de origem comum, ancestralidade e herança cultural, com a ressalva feita por Maria Bernardete R. Flores e Cristina Scheibe Wolff, de que "a referência à herança comum não deve ser vista como uma solidariedade prescrita, e sim como algo construído ao promover um conjunto de idéias e símbolos que reivindicam uma identidade oposta a outra." (WOLFF; FLORES, 1994, p. 217).

fronteiras políticas desse país foram estabelecidas somente em 1871 - emergiu um forte nacionalismo em função de um antagonismo em relação à França, que sob o comando de Napoleão Bonaparte, invadiu alguns Estados germânicos. Os discursos nacionalistas alemães associavam aos habitantes dos Estados germânicos uma identidade comum. Utiliza-se aqui o conceito de Benedict Anderson, quando fala de nacionalismo enquanto uma "comunidade política imaginada", um sentimento de pertencença a uma comunidade imaginária. (ANDERSON, 1989, p. 14)

Nos Estados germânicos, a idéia de germanidade ou *Deutschtum* que emerge neste contexto, se fundamentava na afirmação de que independentemente da existência ou não de territórios definidos, havia em comum entre os alemães a origem, tradições e o uso do mesmo idioma. Outro elo de ligação entre os alemães seria também a crença na superioridade do "trabalho alemão".

O sentimento de se fazer parte da Nação, é então, algo construído, não inerente aos indivíduos. Tiveram papel fundamental na emergência do nacionalismo na Alemanha, os intelectuais românticos do século XVIII. Na obra de Herder (1744-1803) aparece pela primeira vez o conceito de *Volksgeist* (espírito do povo), que identifica as culturas como indivíduos coletivos e os indivíduos como reflexo, em parte, delas. Conforme Giralda Seyferth, é com ele que aparece essa noção de identidade coletiva alemã. As invasões napoleônicas e as conseqüentes destruições colocaram em xeque a validade do racionalismo iluminista. Segundo alguns ideólogos do nacionalismo, o culto do cientificismo, ao invés de levar ao progresso, havia desembocado em guerras e destruição. Essa é uma das razões para os europeus terem procurado suas raízes na Idade Média, com vistas a construir uma identidade nacional. Essa nostalgia criada em torno da Idade Média oferecia um alento às inseguranças e aos problemas do culto do cientificismo, que teria culminado com a guerra.

Surgiram então, diversas associações na Alemanha, que reforçaram o nacionalismo, através do cultivo do idioma, das artes e das tradições alemãs. Também houve a celebração das datas nacionais significativas, o engrandecimento dos heróis nacionais (Bismarck), de escritores e músicos (Goethe, Schiller, Fichte, Beethoven, Wagner, etc), ou seja, uma ampla campanha visando uma auto-afirmação do povo com base em elementos do passado. Isso mostra que as identidades são fruto de investimentos, de um contínuo processo de construção. O próprio sentimento de nacionalismo, de pertencer a uma Nação, não é fato dado, consangüíneo,

mas construído e reforçado, como no caso da Alemanha.

A idéia da superioridade alemã, baseada na afirmação da "cultura do trabalho" e de um forte conteúdo racista, fazia parte da tradição cultural alemã. No Brasil, serviu para que muitos políticos, jornalistas e intelectuais estabelecessem os contornos de uma identidade étnica frente à diversidade cultural do país.

Durante a Primeira República (1889-1930), muitos alemães e descendentes faziam da "cultura do trabalho" um dos meios para se distinguir de outras etnias, ou seja, para eles, o trabalho não se consituía apenas uma atividade geradora de riquezas ou necessária à sobrevivência, mas também um valor moral e um fator de identificação étnica.

Por outro lado, a afirmação da "cultura do trabalho" também fazia com que os intelectuais divulgadores da germanidade na imprensa teuto-brasileira, associassem aos teuto-brasileiros o conceito de bom cidadão, porque trabalhavam para o desenvolvimento econômico do Brasil (SEYFERTH, 1982, p. 56-57). O contato inter-étnico no Brasil reforçaria esta identificação. Como contraponto, sobretudo os luso-brasileiros eram tidos, pela intelectualidade defensora da germanidade, como maus cidadãos e maus patriotas. Estas representações estão na base da oposição que logo se faria entre o *colono* e o luso-brasileiro, pejorativamente chamado de *caboclo*. Ou seja, a afirmação da "superioridade do trabalho alemão" servia para contrapor os descendentes de alemães aos luso-brasileiros (SEYFERTH, 1982a, p. 14). A afirmação da cidadania brasileira, pelos descendentes de alemães nascidos no Brasil, era também um argumento para que reivindicassem o direito de preservarem as suas tradições e a língua alemã.

A idéia de germanidade, que incluía a "cultura do trabalho", foi divulgada nas colônias alemãs do Sul do Brasil desde 1852, e foi muito intensa, particularmente nos períodos de maior atividade da *Alldeutsche Verband* (Liga Pangermânica), de 1893 a 1918, e durante a propaganda nacional-socialista, na década de 1930. Em Blumenau, tanto o jornal *Blumenauer Zeitung* como o *Der Urwaldsbote* defendiam os princípios do *Deutschtum*, apesar de serem opositores politicamente. Segundo Giralda Seyferth, o *Der Urwaldsbote* era o jornal mais radical em língua alemã do Sul do Brasil, identificado com os preceitos da Liga Pangermânica, sendo combatido por muitos jornais em língua portuguesa em Santa Catarina.

Durante a Primeira República (1889-1930), a região de Blumenau tornou-se a região mais próspera do Estado de Santa

Catarina. As elites políticas e econômicas da região mantinham fortes ligações com o governo estadual. Inclusive na consolidação da República no Estado, personalidades políticas de Blumenau tiveram um papel importante. Hercílio Luz, que surgiu no cenário político a partir de Blumenau, continuou mantendo estreitos laços com o município, quando se tornou governador do Estado. Também era o caso da família Konder, que concentrou o poder político até a Revolução de 1930, e que tinha no Vale do Itajaí seu principal reduto eleitoral.

Na comemoração do centenário da imigração alemã em Santa Catarina, em 1929, festejou-se o papel dos imigrantes no povoamento da região entre o litoral e o planalto catarinense e o grau de desenvolvimento econômico-social de muitas das ex-colônias. Naquele momento percebe-se como se representava a população do Estado de Santa Catarina, conforme um determinismo geográfico e concepções calcadas pela ótica capitalista. No artigo *Land und Leute von Santa Catharina* (Território e população em Santa Catarina), do Livro Comemorativo ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina, se polarizam diferentes regiões do Estado, tomando como parâmetro a origem étnica de seus habitantes: as regiões de colonização, de um lado, e o litoral e Planalto, de outro. No artigo aparecem representações acerca dos luso-brasileiros do litoral e do planalto, em contraposição aos teuto-brasileiros. Afirma-se uma "tendência do caboclo do litoral ao nada fazer", por conta das doenças, falta de instrução e higiene, sem contar a "a grande riqueza de peixes no mar", o que só "favorecia a sua tendência ao nada fazer"! (ENTRESS, 1929, p. 109).

A região litorânea de Santa Catarina vinha sofrendo os impasses do desenvolvimento, em contraposição às regiões de colonização no Estado. Durante a Primeira República, então, emerge um discurso desqualificador do litoral, inventando-se uma imagem negativa dos seus habitantes (ARAÚJO, 1989). No livro do centenário da imigração alemã em Santa Catarina, afirmou-se que somente através da educação, esclarecimento e higiene se "salvaria a região do litoral". Estas imagens motivaram, no século XX, as elites do litoral a investir na remodelação urbana de Florianópolis, para lhe modernizar o espaço e lhe tirar o aspecto "atrasado". Os indivíduos que não se enquadrassem às codificações burguesas de organização social, passavam a ser configurados como "indolentes" e "incapazes". Em contraposição, os habitantes das regiões de colonização alemã do Estado eram vistos como bons trabalhadores, porque identificados como adaptados ao ideal de sociedade que se pretendia,

ou seja, uma sociedade racionalizada, disciplinada, dada ao trabalho.

Entretanto, estas imagens e estereótipos são ressemantizados conforme as conjunturas. Durante o Estado Novo (1937-1945), quando o governo investe na construção da brasilidade no país e acirra a campanha de homogeneização cultural, com forte conteúdo nacionalista, os descendentes de imigrantes tornam-se um problema para o governo. Não só as colônias alemãs do Sul do Brasil, também as colônias italianas e japonesas são alvo desta campanha nacionalizadora, com o objetivo de forjar uma Nação unificada e homogênea culturalmente. Este projeto não admitia a coexistência de diferentes línguas no território brasileiro, investindo num acirramento da nacionalização que já vinha ocorrendo de forma progressiva desde a década de 1910 em Santa Catarina.

Este período coincide em Santa Catarina com a quebra da hegemonia política da família Konder e com a ascensão das elites do planalto catarinense ao poder, a oligarquia Ramos. Isto traz suas implicações na região de Blumenau, principal reduto eleitoral dos Konder. Foi com a reversão do quadro político a nível estadual que se promove o desmembramento do município de Blumenau, em 1934. Estes fatos também fizeram com que o acirramento da Campanha Nacionalizadora se antecipasse em Santa Catarina, se tomarmos como comparação o Paraná e o Rio Grande do Sul, também Estados de forte colonização européia no Sul do Brasil. Em Santa Catarina, o governo estadual submeteu ao seu controle também as regiões mais ricas, como era o caso de Blumenau, que então figurava como a cidade que mais contribuía para os cofres públicos estaduais.

A Campanha de Nacionalização veio a eliminar meios de atualização étnica, como as associações culturais e folclóricas, as "escolas alemãs" e as publicações periódicas em língua alemã, apreendendo livros e rádios, e investindo em práticas que estimulassem o civismo e o "amor à pátria".

Entretanto, ao mesmo tempo em que se acirra a nacionalização das áreas coloniais no Sul do Brasil, que se coíbe os descendentes de imigrantes de falarem a língua alemã, a ideologia estado-novista valoriza e empresta do descendente de imigrantes a valorização do trabalho, para incentivar o desenvolvimento econômico no Brasil. Isto implicava em se forjar um trabalhador nacional disciplinado, adaptado ao universo capitalista de produção.

Em visita à cidade de Blumenau, em pleno decorrer da Campanha de Nacionalização, em março de 1940, o presidente Getúlio Vargas apelou para que os descendentes de alemães tomassem par-

te na grande "marcha ascensional da prosperidade e grandeza da Pátria", elogiando, habilmente, a "capacidade de produção" e o "desenvolvimento progressista" dos descendentes de imigrantes de Blumenau (Jornal *Cidade de Blumenau*, 16.3.1940). É de se levar em conta que não à toa Vargas profere estes elogios, considerando as pressões que a população da região vinha sofrendo por conta da Nacionalização.

A ideologia estado-novista se fundamentava na idéia de que o trabalho era o único meio possível para a superação da pobreza, tida como uma ameaça e um perigo ao desenvolvimento das relações capitalistas (GOMES *apud* DUARTE, 1995, p. 74). Sendo assim, esta ideologia se apropriaria do imaginário existente acerca da colonização européia no Brasil, pretendendo estender estes valores a todos os trabalhadores do Brasil, para desenvolver as forças capitalistas. A nível local, a presença de Vargas e seu discurso teriam exercido um papel estratégico dentro do projeto de homogeneização e nacionalização, em curso nas cidades colonizadas pelos europeus.

Neste momento se percebe como as identidades não são estanques, naturais, mas reelaboradas conforme os interesses da época, em meio a estratégias de poder. O trabalho dos descendentes de imigrantes alemães, que na Primeira República aparecia como um elemento para estes se distinguirem de outras etnias, é valorizado e apropriado pela ideologia varguista como exemplo para os demais trabalhadores, mas é destituído de seu conteúdo étnico. Afirmar a cidadania brasileira e o fato de se trabalhar para o desenvolvimento do país não podia mais servir como argumento, por parte dos teuto-brasileiros, para se manter as tradições culturais e o alemão como língua corrente. Aliás, o governo não se referiria mais aos descendentes de alemães como teuto-brasileiros, mas simplesmente de brasileiros.

A valorização do trabalho e a ênfase na brasilidade são a tônica do discurso de Vargas em Blumenau:

(...) Ser brasileiro é amar o Brasil. É ter o sentimento que lhes permite dizer: "O Brasil nos deu pão, mas nós lhe daremos sangue". É ter o sentimento de brasilidade, pela dedicação, pelo affecto, pelo desejo de concorrer para a realização dessa grande obra, na qual todos somos chamados a colaborar, porque só assim poderemos contribuir par a marcha ascensional da prosperidade e da grandeza da Pátria". (Cidade de Blumenau, 16.03.1940, p. 01).

Essa valorização da brasilidade traz seus reflexos na própria historiografia do Estado de Santa Catarina. Em 1948, no 1º Congresso de História Catarinense, quando se comemorava o Segundo Centenário da Colonização Açoriana, intelectuais do Estado procu-

raram refundar o caráter de brasilidade de Santa Catarina, "resgatando" a história dos açorianos no desenvolvimento do Estado. Pretendia-se devolver ao litoral a importância na história de Santa Catarina, papel que vinha perdendo, para outros núcleos de povoamento do Estado (FLORES, 1998, p. 124).

Neste momento, procura-se retirar do "homem do litoral" de Santa Catarina toda aquela representação pessimista existente a seu respeito, construída durante a Primeira República, e que identificava-o negativamente, como "indolente e incapaz". A invenção dessa imagem ocorreu numa época em que a região litorânea vinha sofrendo os impasses do desenvolvimento, enquanto as cidades colonizadas por alemães como Blumenau, Joinville, Brusque, vinham apresentando saltos quantitativos em sua economia, desde o final do século XIX. Entretanto, a partir dos anos 40, num momento de luta pela hegemonia cultural em Santa Catarina, o projeto de construção da brasilidade procura revalorizar o trabalho dos descendentes de açorianos e o seu papel na história catarinense, no propósito de se afirmar a brasilidade de Santa Catarina. Neste sentido, os teuto-brasileiros são desqualificados como resistentes à assimilação.

Estes fatos mostram o caráter político da cultura. A idéia da "cultura do trabalho" dos descendentes de imigrantes alemães foi forjada, reelaborada e reforçada em diversos momentos da história. Serviu a diversos interesses ao longo do Império, da Primeira República e do Estado Novo em Santa Catarina. Alguns destes elementos são apropriados e reelaborados durante os anos 1980 no Estado, conforme veremos a seguir.

O investimento no turismo e numa identidade "germânica" em Blumenau

Como visto no início do artigo, durante as enchentes em Blumenau, o poder público municipal rememora o passado de colonização da cidade, extraíndo dele elementos para o apelo ao voluntarismo. Esse discurso também trata de aproximar Blumenau à Alemanha, mãe-pátria dos primeiros imigrantes que habitaram a cidade. O projeto *Nova Blumenau* remetia ao soerguimento da Alemanha pós Segunda Guerra Mundial, para justificar a capacidade de reconstrução de Blumenau: "se a Alemanha e outras nações destruídas pela 2ª Guerra Mundial ressurgiram dos escombros para invejável posição mundial, por que não haveremos de criar condições

para o nosso próprio soerguimento?".⁷ Talvez, por isso, as imagens de Blumenau, após as enchentes de julho de 1983, eram comparadas a "imagens de guerra", onde só "se via destruição e tristeza".

Antes de analisar esta questão, se fazem necessárias algumas observações. A referência à Alemanha, além de ignorar a existência de experiências históricas distintas, ou seja, a Alemanha pós-1945 de um lado e Blumenau pós-enchentes de 1983, de outro, não levava em conta os fatos que tornaram possível o soerguimento daquele país após a guerra. O "milagre econômico alemão", sempre é festejado como um imenso sucesso alemão. O historiador Wolfgang Benz destaca que, na verdade, "é um sucesso que se deve também a outros fatores. É o caso da reforma monetária, a base do milagre alemão, que foi algo até certo ponto delicado, ou suavemente imposto contra a opinião dos "experts" alemães, mais ou menos contra a vontade dos interesses alemães" (BENZ, 1995).

No entanto, a relação que se fazia entre Blumenau e a Alemanha, mesmo sendo desterritorializada e não historicizada, servia como recurso para se levantar o ânimo da população, frente às perdas e também para reforçar a idéia de Blumenau enquanto uma cidade "germânica". Já havia um interesse por parte do poder público em investir numa imagem de Blumenau enquanto uma "pequena Alemanha" no Sul do Brasil, com vistas a promover a atividade turística. O turismo já era uma atividade latente durante a década de 70, quando a Comissão Municipal de Turismo planejou ampla divulgação da cidade, como a "Alemanha brasileira", incentivando as construções que imitassem o enxaimel (FLORES, 1997, p. 71-79). Em 1981, havia discussões entre os hotelheiros da cidade, no sentido de promover uma festa, nos moldes da que se realizava em Munique, na Alemanha, a Oktoberfest. Contudo, somente depois das grandes enchentes de 1983 e 1984 - naquele último ano a cidade novamente havia sofrido enchente de grandes dimensões - que se lançou a Oktoberfest, fazendo da reinvenção das tradições germânicas o seu principal produto. E a enchente de 1984 foi transformada em mito fundador da festa. Conforme entrevista com um dos organizadores da festa, citada pela historiadora Maria Bernardete Flores que estudou o tema, "a enchente de 1984 foi um gancho que aproveitamos".⁸ Ou seja, segundo a mesma autora, a tragédia foi usada para "fortalecer, animar e realimentar o imaginário de seu povo

⁷ Relatório *Nova Blumenau: um compromisso de todos*. Fundo da Prefeitura Municipal, Série Projeto Nova Blumenau. AHJFS.

⁸ Entrevista com Emílio Schramm citada por FLORES (1997, p. 52).

como *trabalhador, conquistador do seu futuro*" (FLORES, 1991, p. 208).

Porque Blumenau já era representada pela propaganda turística como uma pequena nação, uma "pequena Alemanha", a referência a este país, durante a reconstrução das enchentes, apareceu com o objetivo de se identificar não só os descendentes de alemães, mas todos os moradores da cidade como herdeiros de um "potencial de reconstrução alemão". A "cultura do trabalho", um dos fundamentos da idéia de superioridade do povo germânico que sempre fez parte da tradição cultural alemã - e que atingiu o seu ponto máximo durante a Alemanha nacional-socialista - aparecia nos discursos políticos em Blumenau como recurso argumentativo para a reconstrução da cidade.

Na Alemanha após 1945, em virtude das feridas deixadas pela guerra, tornou-se motivo de desconfiança qualquer um que se atrevesse a fazer uso de um discurso em tom nacionalista. Contudo, em Blumenau, após as enchentes do início dos anos 80, o uso de um discurso de forte cunho étnico, não só foi possível, como se tornou um forte meio para se estimular a reconstrução e se estimular a atividade turística, baseada na recriação de identidades.

Foi a partir da década de 80 que a economia do Vale do Itajaí, assentada primordialmente na produção têxtil, começou a passar por dificuldades. O crescente avanço de novas formas de produção no mundo globalizado já havia mostrado a inadequação de um modelo de economia baseado fundamentalmente na indústria têxtil. O economista Paul SINGER (1968, p. 139-140) já havia alertado na década de 60, em estudo sobre a evolução urbana de algumas cidades brasileiras, incluindo Blumenau, de que o seu desenvolvimento econômico se encontrava diante de um impasse, entre outros motivos, em função de sua especialização industrial. A atividade secundária se concentrava na indústria leve, principalmente têxtil. Sugeria a reaglutinação dos estabelecimentos agrícolas, sob a forma de cooperativas de produção e a diversificação de sua estrutura industrial.

O início da década de 80 foi marcado pelo declínio da atividade econômica catarinense, que seguia uma tendência nacional. A década de 1980 foi de quase estagnação da economia brasileira, que crescia numa margem bem inferior ao acréscimo da população (CUNHA, 1992, p. 186). O ano de 1983 talvez tenha sido o auge da recessão, com altíssimas taxas de desemprego, inflação e greves em todos os setores da economia no Brasil (RODRIGUES, 1992, p. 43). Em Santa Catarina, os investimentos produtivos nas indústrias tradicionais se reduziam, não acompanhando o ritmo da média setorial.

O intenso crescimento da economia informal dava margem à disseminação de subempregos.

As grandes enchentes de 1983 e 1984 abalaram o movimento turístico já existente e sobretudo o comércio e a indústria, que já se encontravam muito ressentidos, em virtude da conjuntura da economia nacional.

As enchentes no Vale do Itajaí, então, marcaram não só pelas suas dimensões de catástrofe, mas também tornaram ainda maior o desafio de se criar opções econômicas para a cidade. Conforme o economista Idaulo José Cunha, o período de 1981-1989 significou uma queda de representatividade da microrregião colonial de Blumenau e do seu município pólo (Blumenau) na economia catarinense (1992, p. 192).

A partir da necessidade de incrementar e reativar as atividades, o turismo passa a ser um dos carros-chefes, não só no caso específico de Blumenau, mas também de todo o conjunto do Estado. No governo de Espiridião Amin, elaborou-se um plano para o período de 1983-1984, a partir da solicitação de lideranças empresariais, visando ao desenvolvimento da atividade turística, que mobilizava investimentos, que permitissem dotar o Estado de infraestrutura adequada ao desenvolvimento turístico. No tocante a Blumenau, o plano previa apoio à iniciativa privada, na implantação de hotéis e restaurantes que servissem pratos típicos (WOLFF; FLORES, 1994, p. 216).

Em 1983, a prefeitura municipal já divulgava Blumenau como a "Cidade Turismo do Brasil". Para divulgar a campanha de solidariedade em Campinas - SP, cidade-irmã que "adotou" Blumenau na campanha nacional em prol da reconstrução de Santa Catarina, a Comissão Municipal de Turismo produziu adesivos com o seguinte slogan, escrito em letras góticas: "*Visite Blumenau, (apesar de tudo) alles blau.*"⁹

Como parte dos esforços do Projeto Nova Blumenau, a Secretaria Municipal de Turismo investiu fortemente no turismo enquanto uma das saídas para se reavivar o mercado. Para tanto, não bastava ver a cidade reconstruída, era necessário mostrar a superação. Uma campanha foi empreendida na cidade, prevendo uma "*ação junto ao comércio do centro para que usem muitas flores nas praças,*

⁹ Fundo da Prefeitura Municipal de Blumenau, Série Nova Blumenau. AHJFS. Algumas cidades paulistas, solidarizaram-se com a Campanha de Reconstrução de Estado de Santa Catarina, ficando cada uma responsável pela arrecadação e envio de doativos a sua cidade irmã catarinense.

passaios e marquises junto aos seus estabelecimentos."¹⁰ Também foi composta uma música intitulada "Estão voltando as flores", para "levantar a moral" da população. A campanha de aformoseamento da cidade incluiu o *Concurso Blu-Garden*, para a escolha do jardim mais belo, em cujo cartaz se lia: "*Blumenau: Cidade Jardim? Então prove. Prove que Blumenau realmente é a Cidade Jardim tão famosa. Prove que as nossas ruas e casas têm canteiros coloridos e limpos. Prove que a palavra Blumenau na língua alemã significa: 'campo de flores'. Neste fim de semana, pegue as ferramentas e comece a criar um novo visual para a sua casa.*"¹¹

A Secretaria de Turismo, para transformar Blumenau em pólo turístico, pretendia construir uma cidade-imagem, uma cidade para ser vista, investindo em campanhas educativas no sentido de dar a ela um visual bonito. Blumenau estava, então, começando a se inserir numa tendência cultural contemporânea, na qual as imagens também são transformadas em artigos econômicos. Ao mesmo tempo, o processo de mundialização da economia trazia consigo um projeto de valorização dos regionalismos e a recriação de identidades. Neste sentido, em Blumenau, a partir da campanha de reconstrução da cidade pós-enchentes, que fez do apelo à "cultura do trabalho" um de seus argumentos, se investiu na recriação de uma identidade "germânica", para representar e vender uma imagem de cidade "diferente". Esta propaganda turística foi a responsável pela divulgação do Vale do Itajaí como o "*Vale Europeu de Santa Catarina*", que "vale a pena visitar". A partir do sucesso da primeira Oktoberfest, em outubro de 1984, surgiram outras festas no Vale do Itajaí e Nordeste catarinense, que fizeram da reinvenção das tradições e recriação de identidades o seu principal produto. No decorrer da década de 80, a proliferação destas "indústrias sem fumaça", as festas típicas tornaram-se uma nova e forte opção econômica para o Estado inteiro.

A busca do "outro" na configuração dos contornos de uma identidade

Durante as enchentes de 1983, não somente Blumenau, mas todo o Estado de Santa Catarina foi motivo de amplas reportagens nas principais revistas do país. A revista *Veja*, então, informava que

¹⁰ Relatório "Nova Blumenau - um compromisso de todos". Fundo da Prefeitura Municipal, Série Nova Blumenau, AHJFS.

¹¹ Cartaz de divulgação da Promoção "Concurso Blu-Garden". Fundo da Prefeitura Municipal de Blumenau, Série Projeto Nova Blumenau, AHJFS.

cerca de 6.800 fábricas paralisaram em função das enchentes, motivando a paralisação de cerca de 225.000 operários no Estado, contingente maior que o mobilizado por qualquer greve nacional, fato corriqueiro naquela época de recessão econômica (*Veja*, 20/07/1983, p. 22-31).

Não somente o Vale do rio Itajaí, mas muitas cidades do Estado de Santa Catarina sofreram prejuízos. Cerca de 50% dos estabelecimentos comerciais e industriais do Estado foram inundados, fazendo com que a arrecadação do ICMS caísse 70% naquele ano.¹²

Neste contexto, surgiu uma forte carga discursiva nos meios políticos catarinenses, que associava ao Estado de Santa Catarina um forte potencial de trabalho e de recuperação frente às adversidades, muito em função da experiência de Blumenau na lida com as enchentes. A "cultura do trabalho", exaltada durante a reconstrução de Blumenau, aparecia também como um dos fundamentos da campanha de reconstrução do Estado de Santa Catarina, durante o mesmo período. Essa prática vinha acompanhada, nos discursos políticos inter e intra-estaduais, da afirmação de um modelo *sui generis* de desenvolvimento, o chamado "modelo catarinense de desenvolvimento", e que servia como argumento dos políticos de Santa Catarina, para que o governo federal enviasse verbas para a reconstrução do Estado.

Nos discursos de muitos políticos catarinenses, se afirmava uma "identidade catarinense", caracterizada pelo caráter "*aguerri-do, inovador e destemido do povo*" do Estado, conforme discurso do então governador do Estado (*A Notícia*, Joinville, 21/07/1983, p. 07). Para afirmar uma "identidade catarinense", trata-se de buscar um "outro", para lhe fazer oposição. Justamente naquele período em que o Sul do país sofria com as enchentes, no Nordeste, há cinco anos, grassava uma grande seca. São os habitantes do Nordeste do país que são alçados ao papel do "outro" na atribuição de uma "identidade catarinense". Isso porque a identidade, longe de ser essencial, de existir por si só, só existe em função de relações inter-grupais, pois "*o Nós constrói-se em oposição ao Eles*" (POUTIGAR; STREIFF-FENART, 1998, p. 123). É importante considerar que, somente se considerando um contexto de relações intergrupais, se pode compreender a produção de identidades e estereótipos sociais.

A disputa por verbas federais era acirrada, provocando entre-

¹² Diário da Assembleia Legislativa de 17.08.1983, N.º 2.654, p. 05.

choques de políticos de ambas as regiões do país. Na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, deputados catarinenses apontavam o Estado como o "filho órfão largado à soleira da porta",¹³ a "vaca leiteira" que sustentava o país. O Sul era representado, nestes discursos, como o "Sul Maravilha",¹⁴ a "laboriosidade sulista" era afirmada em contraposição ao que se chamava de "fatalismo nordestino" (*Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 28 e 29/08/1983). Neste ponto, há um apagamento dos fatores políticos, econômicos e sociais embutidos na transformação do "discurso da seca" numa das armas mais poderosas a serviço das elites nordestinas com o intuito de se defender que o governo federal priorizasse o Sul do país (ALBUQUERQUE Jr., 1994, p. 117).

Esse jogo de imagens em Santa Catarina, muito aparecia em função dos discursos e práticas que também se observavam em Blumenau. Em artigo publicado no *Jornal de Santa Catarina*, intitulado "Blumenau, cidade indômita", ao se referir à reconstrução pós-enchentes, o autor representa o "blumenauense", representado aqui como categoria homogênea, como aquele que "luta para progredir", em contraposição ao nordestino, aquele que "quando não pode mais, emigra".¹⁵

Essa contraposição era a base de uma das propagandas da Secretaria da Reconstrução do Estado de Santa Catarina, criada logo após as enchentes de julho de 1983. Esta propaganda proclamaria o "Dia do Fico" em Santa Catarina, ao ter como lema os dizeres "Vamos ficar, vamos trabalhar, vamos lutar, vamos tocar pra frente", desafiando os agricultores a permanecer em suas terras, a plantar novamente, para o que se divulgava programas de distribuição de sementes e de créditos de emergência (*Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 09 e 10.10.1983, p. 26).

Durante as enchentes no início dos anos 1980 no Vale do Itajaí e em Santa Catarina, busca-se no Nordeste o contraponto para a afirmação de uma "identidade catarinense", fundamentada na sua capacidade de produção e reconstrução. Se durante a Primeira República, em nível intra-estadual, usava-se a "cultura do trabalho" para se distinguir o descendente de imigrantes alemães do interior, do habitante do litoral de Santa Catarina, durante as enchentes que ocorreram, não só no Vale do Itajaí, mas em todo o Estado, no co-

meço dos anos 80 assiste-se a um movimento diferente. Os discursos políticos do Estado, contrapunham não somente os habitantes das áreas coloniais, mas todo o Estado, construindo uma imagem homogênea de Santa Catarina, aos habitantes da região Nordeste do país, para dar contornos a uma "identidade catarinense" que se pretendia afirmar. Esse jogo de imagens pode ser entendido dentro do esforço de se incentivar a reconstrução do Estado e buscar alternativas para o revigoramento de sua economia.

Considerações Finais

A prática de recorrer às inúmeras enchentes ocorridas ao longo da história de Blumenau sempre serviu para realimentar o imaginário de seu povo como trabalhador, conquistador de seu futuro. Neste artigo não foi nosso propósito dar uma historicidade ao fenômeno das enchentes, dentro da perspectiva de uma história ambiental, mas analisar o discurso político elaborado em torno das duas maiores enchentes do final do século XX, em Blumenau, mostrando a forte carga de cunho étnico que encerrava. Neste sentido, a "cultura do trabalho", que, como vimos, assumiu diversas funções ao longo da história de Blumenau, seja como argumento para a colonização, na metade do século XIX, como critério de distinção étnica, mecanismo de legitimação política e ao mesmo tempo como justificativa para a manutenção das tradições teuto-brasileiras, durante a Primeira República. Esse último argumento foi questionado durante o Estado Novo, quando se investiu na Nacionalização. No entanto, a disciplina e a valorização do trabalho existente nas ex-colônias européias foi valorizada pela ideologia varguista para forjar um trabalhador nacional adaptado às novas condições capitalistas que se incentivavam no país.

A idéia da "cultura do trabalho alemão" ressurgiu com forte intensidade no início dos anos 1980, como argumento para a necessidade de reconstrução da cidade e também do Estado, durante as enchentes. Importante frisar que essa prática política, no que se refere ao esforço de superação dos estragos causados pelas enchentes, ao mesmo tempo em que impulsionaria a reconstrução, não problematizaria o papel humano na transformação das enchentes em desastres ambientais de grande impacto no Vale do Itajaí, como foram caracterizadas as de 1983 e 1984. Esse discurso, ao cobrir a cidade de Blumenau sob o manto da germanidade, também favoreceria uma visão homogeneizante da cultura e da sociedade, pois que caracterizada por inúmeras diferenças, entre elas, étnicas, culturais e de classe.

¹³ Discurso do deputado João de Borba, PMDB. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. Diário da Assembléia Legislativa, 28.09.1983, n. 2669, p. 02.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.